

GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS ESCRIVIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UM OLHAR SOBRE PONCIÁ VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA

Rosângela Ap^a Cardoso da Cruz

(rocardoso1974@hotmail.com)

Universidade Estadual de Maringá (UEM/PLE)

RESUMO

Esta proposta parte de uma pesquisa, cujo objetivo foi tecer reflexões sobre duas obras da poetisa e romancista Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da Memória (2013), a partir dos estudos de gênero, sobretudo, no que tange ao olhar pós-feminista acerca da escrita feminina contemporânea, em especial, da literatura afro-brasileira. Justifica-se a recorrência aos conceitos bakhtinianos de alteridade, dialogismo e polifonia como metodologia adotada, pela possibilidade de visualizar as muitas vozes imbricadas na escrita evaristiana. A pesquisa foi voltada para o feminino, sobretudo, com um recorte com vistas à educação das mulheres. Constatou-se, assim, que a linguagem literária da autora, além de ser um reflexo da sua própria vivência, bem como de muitas outras vozes silenciadas, de muitas outras mulheres, sobretudo, de mulheres negras, representa um movimento constante de firmar-se no mundo enquanto sujeito. Neste sentido, buscou-se compreender o processo da educação e significação do feminino, visualizando, literariamente, a compreensão daquilo que poderia ser a representação das vivências de muitas mulheres, em especial, de mulheres negras, tão bem retratadas a partir da obra de Conceição Evaristo.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Literatura Afro-brasileira; Educação; Gênero; Identidade.

INTRODUÇÃO

Horizontes se abrem diante da grandeza e enriquecimento cognitivo que se pode apreender ao deixar-se penetrar pela literatura afro-brasileira, em especial, pelas tessituras literárias da escritora Conceição Evaristo. De acordo com Duarte (2010), muitas são as inquietações que insurgem acerca da dicotomia literatura

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



negra/literatura afro¹, possíveis indagações em detrimento de uma existência real. Neste sentido, ressalta o autor que tal literatura não só existe como também se faz notar e atravessa gerações. Nas palavras do referido autor: “enfim, essa literatura não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2010, p.113). Conforme o teórico, apesar de a literatura afro² ter ganhado destaque no cenário cultural há algum tempo, ainda era fruto de poucas reflexões, entretanto, o crescente interesse de poetas e escritores afros em firmar e assumir seu “pertencimento” étnico afrodescendente fez com que esta literatura ganhasse maior visibilidade, como é o caso do grupo Quilombohoje juntamente com outros Brasil afora, assim como a série Cadernos Negros que reúne publicações afro-brasileiras de extrema grandeza e isso fez com que ganhasse mais atenção tanto no meio acadêmico quanto editorial.

POR ENTRE AS MARGENS DO CAMINHO TRANSITAM AS MULHERES NEGRAS

Conceição Evaristo tem vários escritos publicados pela série Cadernos Negros, dentre os quais, poesias: *Mineiridade, Eu-mulher, Os sonhos, Vozes-mulheres, Todas as manhãs, Os bravos e serenos herdarão a terra, Para a menina, Se à noite fizer sol*, entre outras; e contos: *Quantos filhos Natalina teve? Beijo na face, Ayoluwa, a alegria do nosso povo, Zaita esqueceu de guardar os brinquedos, Di Lixão, Maria, Duzu-Querença, Ana Davenga* dentre outros³ (LIMA, 2007, p.3-4, grifos meus). Arruda (2007, p,14), em relação à literatura afro-brasileira, ressalta que

¹ A esse respeito conferir Eduardo de Assis Duarte, “Por um conceito de Literatura Afro-Brasileira”. Terceira Margem • Rio de Janeiro • Número 23 • p. 113-138 • julho/dezembro 2010.

² Bárbara Araújo Machado (2014), em sua dissertação intitulada “Recordar é preciso”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008)”, lança olhares sobre uma importante discussão em torno da maneira como a literatura escrita por pessoas não brancas deve ser representada. Há críticos e estudiosos que defendem o uso do termo “literatura afro-brasileira”, outros, como é o caso de Cuti (2010), que defendem com veemência o uso da expressão “literatura negra”. Segundo o militante, o prefixo “afro” constitui-se como uma forma silenciosa de afastamento da literatura negra em relação à brasileira. Em contrapartida, Eduardo de Assis Duarte (2010) classifica a utilização do termo “afro” como um elemento que abala a suposta homogeneidade da literatura brasileira, portanto, passível de uso. Importa lembrar que, nesta pesquisa, não se faz distinção quanto ao uso dos termos “afro” ou “negro”, por pensar que ambos se remetem à literatura negra/afro que é, em sua essência, legitimamente brasileira.

³ Cf a esse respeito o texto **Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente** (2007), de Omar da Silva Lima, veiculado pelo Portal LITERAFRO - www.letras.ufmg.br/literafro, no qual o autor tece uma vista panorâmica acerca da produção evaristiana veiculada pelos *Cadernos Negros*.

Realização:



Apoio:



a escrita literária afrodescendente, na grande maioria das vezes, foi condicionada à marginalidade por parte daquela tida como “canône literário brasileiro”, ou seja, a literatura branca. Muitos/as foram os/as autores/as que ficaram à margem do caminho ou chegaram a circular, mas de forma, ainda, bastante restrita. Ainda, segundo a mesma autora, “a literatura afro-brasileira pode ser considerada uma contra-narrativa da nação porque abala a ideologia do nacionalismo e tem um olhar crítico sobre o Estado e a identidade nacional; e, ainda, por reescrever a seu modo a História” (Idem). Neste processo de reencontrar-se e reconstruir a sua própria história, conforme Evaristo (s/d), o negro trazido para o Brasil e despojado da própria identidade, submerso em um branqueamento imposto a duras penas, foi obrigado a sucumbir ao “exercício da sobrevivência”. Assim,

O primeiro exercício da sobrevivência efetuado pelos africanos deportados no Brasil, assim como em toda a diáspora, foi talvez o de buscar recompor o tecido cultural africano que se desteceu pelos caminhos, recolher fragmentos, traços, vestígios, acompanhar pegadas na tentativa de reelaborar, de compor uma cultura de exílio refazendo a sua identidade de emigrante nu (EVARISTO, s/d).

Ao dialogar com Barbosa (1994), Conceição Evaristo (s/d) ressalta o exemplo que o autor traz sobre o berimbau, instrumento utilizado para emitir o som e o ritmo, proporcionando, assim, a ginga da capoeira. Nesse sentido, enfatiza Evaristo que, conforme Barbosa (1994), além de emudecer o negro deportado, a cultura branca se encarrega de invisibilizar sua tradição, no caso do berimbau, na África existem, pelo menos, sete tipos diferentes e com significações diferentes, no Brasil, apenas um sobrevive. Para o autor, segundo Evaristo (s/d), é possível pensar que, em grande ou menor escala, a cultura afro haverá de se reproduzir. O terreiro constitui-se como uma forma de pertencimento, um meio de encontrar “nesse espaço político-mítico-religioso (...) o seu lugar de transmissão e preservação” (EVARISTO, s/d, p.2).

Desse mesmo modo se configura a importância da literatura afro-brasileira, a qual, partindo de um lugar calcado por alteridades, revela um outro lugar, que retira o negro, o colonizado, da zona da marginalidade, quebrando os padrões da literatura hegemônica, rompendo, ainda, com paradigmas pré-estabelecidos, contando novas histórias e fazendo emergir outras narrativas entrelaçadas com a ficção literária. Assim, enleada por uma alteridade, na qual múltiplas vozes convergem

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



dialogicamente, a escrita afro-descendente é, antes de tudo, uma forma de libertação, porque apresenta uma história permeada pelos olhos do colonizado e não do colonizador, como antes. E, como ressalta Evaristo (s/d), é um contra-discurso, isto é, uma escrita-denúncia.

Em suma, neste processo de alteridade e dialogismo, a literatura negra protagoniza a história coletiva dos afro-descendentes no Brasil, assim como torna-os protagonistas de suas próprias histórias. Evaristo (s/d, p.6) ressalta que “a literatura negra tem o negro como protagonista do discurso e no discurso”. Logo, a sua escrita é parte da própria vivência e a de muitos outros irmãos da diáspora. Desse modo, conclui Evaristo com base em Orlandi (1998) que “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (EVARISTO, s/d, p.7).

Conforme Dalcastagné (2010), é urgente que se afirme cada vez mais a presença feminina no espaço da produção literária, embora, ainda, “rotulada como literatura feminina”, visto que há uma inserção de personagens femininas desempenhando papéis de protagonistas⁴, até então posição ocupada, em sua grande maioria, apenas por personagens masculinos, bem como o ofício de narradores também masculinos. Nas considerações de Dalcastagné (2010, p.57), “fica claro que a menor presença das mulheres entre os produtores se reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas”. Contudo, apesar dos avanços em relação à condição feminina, a literatura continua, predominantemente, masculina.

Nessa linha de pensamento, para Dalcastagné (2010), as protagonistas em romances escritos por homens são, na grande maioria, jovens e adultas, tendo por principal atributo a beleza e, em última instância, a inteligência. São representadas como sendo menos cultas, pouca escolaridade, quase sempre donas de casa,

⁴ Embora haja a presença de mulheres-personagens ocupando posições de destaques em muitos romances escritos por autores homens, como é o caso de Diva, Lucíola, Senhora dentre outras, Ivya Alves (2002), em seu texto intitulado “Imagens da mulher na literatura, na Modernidade e Contemporaneidade” aponta considerações em torno de tais representações literárias femininas, alertando para o fato de que possíveis “modelos/imagens de mulheres” eram repassados para a sociedade burguesa da época. Conferir a esse respeito ALVES, Ivya. Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade. IN: FERREIRA, Lúcia. NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (Org.) **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. – Salvador: NEIM/UFBA, 268p. (Coleção Baianas: 7), 2002.

Realização:



Apoio:



dependentes dos homens. Desnecessário dizer que tais figurações femininas são, preeminentemente, brancas, magras, loiras e possuem cabelos longos, o que, explicitamente evidencia um padrão estereotipado de mulher, no qual a mulher negra é sucumbida a uma invisibilidade premeditada. Conforme Dalcastagné (2010), é possível constatar que:

Os homens são representados como escritores e comerciantes, quando brancos. Quando negros, sua principal ocupação é a de bandido. Da mesma forma que as donas de casa e artistas são ocupações restritas às brancas. Às mulheres negras, restam as funções de empregadas domésticas e prostitutas (DALCASTAGNÉ, 2010, p.58).

Por outro lado, a grande maioria das protagonistas em romances de autoria feminina tem como principal atributo a inteligência. Embora a mulher ocupe posição privilegiada nos romances de autorias femininas, isto se restringe apenas àquelas de cor branca; às não-brancas, restam a cozinha, a costura e a dança. Isto, conforme a autora, “define os espaços ocupados por cada grupo” (Idem). As autorias femininas privilegiam o culto ao corpo, detalhando e mostrando-o, na grande maioria das vezes, de forma saudável. Para a autora, as representações das mulheres na literatura de autoria feminina levam a crer que “elas estão dentro do peso ou são magras também, mas têm cabelos escuros e mais curtos” (DALCASTAGNÉ, 2010, p.59). Neste mesmo caminho, Leal (2010) ressalta que a inserção das mulheres no campo literário pressupõe a atuação como força social dos movimentos feministas.

Percebe-se, ainda, que essas identidades são permeadas por relações de poder que atravessam a escola e a sociedade de modo geral. Apesar de não ser a única forma de instituir o ensino, a escola ainda constitui-se como paradigma da educação e é por conta disso que se configura como protagonista no caráter de seleção entre os indivíduos, outorgando-lhes rótulos e estereótipos. Desse modo, torna-se relevante a necessidade de se apreender cada vez mais acerca dos gêneros além de lançar um olhar mais direcionado para as práticas escolares, numa tentativa de evidenciar a maneira como tais práticas perpetuam os conceitos de masculinidades e feminilidades e também como forma de lançar um outro olhar e ampliar esse universo puramente masculino. A literatura de autoria feminina é uma

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



bandeira de luta a ser hasteada contra toda e qualquer forma de representação patriarcal.

É lícito salientar, neste sentido, a importância de se lançar os olhos sobre as relações de gênero por meio dos escritos literários, não é muito ressaltar que, tanto em *Becos da Memória* (2013) quanto em *Ponciá Vicêncio* (2003), Evaristo procura desconstruir esta visão de superioridade masculina, ao contrário, demonstra que os homens dos já mencionados romances também são vitimados por um sistema imperioso de exclusão econômica e social. Em relação à suposta hierarquia patriarcal percebe-se uma certa desmistificação, pois as mulheres das narrativas evaristianas são sempre independentes e autônomas, buscam vencer as dificuldades que aparecem pela frente, com ou sem a companhia de um homem/marido.

Partindo do pressuposto de que a literatura de Evaristo faz emergir uma educação para o feminino, pode-se pensar que sirva de inspiração para que outras mulheres consigam adquirir sua autonomia, Conceição a faz por meio da escrita, haja vista as dificuldades e barreiras que se encontram (ainda hoje) pelos caminhos de escritoras/romancistas femininas. Afinal, como bem lembra Dalcastagné (2010), “o romance brasileiro é, majoritariamente, escrito por homens e sobre homens; além de serem minorias nos romances, as mulheres têm menos acesso à voz” (p.47).

Com tantos tropeços pela frente, a mulher teve que afirmar a sua identidade tentando transitar entre o público e o privado, precisou valer-se de alguns meios para isso, o trabalho foi um deles. Portanto, portas foram abertas, a duras penas, em vários setores da sociedade, as mulheres adentraram também os espaços da academia, isto é, as mulheres deixaram de ocupar as chamadas “profissões femininas”⁵, ou seja, aquelas consideradas próprias para mulheres, como é o caso do magistério dentre outras.

Neste sentido, as mulheres que adentram nas academias não apenas absorvem conhecimento, elas também os produzem de modo que, tão bem o fazem, conseguem se desvencilhar das amarras que assimilavam tão somente a saberes masculinos. É possível inferir que, “se é verdade que ao falar em público, a mulher

⁵ Grifo meu.
Realização:

assume quase sempre uma atividade hesitante, é também neste espaço que ela busca o acesso a horizontes anteriormente viris. Busca novas experiências e saberes, busca poder de decisão e liderança” (FREITAS, 2002, p.119).

Nessa busca por sua autonomia, as mulheres transgrediram espaços, até então, marcadamente masculinos, a ousadia de assumir uma autoria feminina parte destes pressupostos. Por meio da literatura, mulheres puderam expressar seus sentimentos e inconformismos advindos das hierarquias patriarcais. Não é demais ressaltar que a escrita de mulheres proporcionou a libertação das clausuras a que eram impostamente subordinadas. Para Freitas (2002), “a literatura feminina é mais um registro escrito do inconformismo da mulher àquelas leis” (Idem).

Desse modo, a mulher busca se libertar da identidade fabricada sob o olhar do homem, assim, procura-se (re) construir-se a partir da diferença. Nesse processo de reconhecer-se por meio da diferença, a mulher assume para si a ideia de existência de um universo feminino, logo não cabe mais a ela ser pensada sob a égide do masculino. Para a autora,

A literatura produzida pela mulher baseia-se neste seu universo, sendo mesmo resultante de um corpo que se fez experiência histórica e social, de um psiquismo que se fez cultura. Entre o público e o privado, a mulher que escreve estabelece seu mundo imaginário, procurando dizer de si mesma aos outros e propondo maneiras inovadoras de estar e fazer (FREITAS, 2002, p.120).

Neste contexto, reforça a referida autora que, ao se afastar dos estilos masculinos de escrever, a literatura feminina vai ganhando corpo e se firmando sobre seus próprios pés. Não por acaso, as mulheres conquistaram sua autonomia e escrevem por si e pelas tantas outras silenciadas em outrora culturas restritivas e excludentes. Conclui, assim, que a escrita feminina é necessária, urgente e se faz presente, ademais enfatiza que “as mulheres, atualmente, escrevem também por todas aquelas que nos séculos anteriores e mesmo hoje em dia, em culturas mais restritivas, são silenciadas” (FREITAS, 2002, p.122).

As cenas sexuais mostram-se mais especificadas nas autorias de mulheres, majoritariamente, na literatura feminina, as mulheres estão insatisfeitas com a própria sexualidade, o que pede uma ressalva é o fato de que este índice se refere apenas à mulher branca, pois, a negra gosta muito mais de sexo e está sempre

Realização:



Apoio:



satisfeita com sua sexualidade. Isto, de certa forma, justifica o estereótipo que, histórica e culturalmente, é atribuído à mulher negra. Os textos literários de autoria masculina mostram mulheres extremamente satisfeitas, pois, o contrário seria negar o próprio discurso dominante. O papel de mãe cristaliza a ideia de que há uma naturalização dos papéis de gênero, na qual “a ideia de amor como algo a ser construído em uma relação” é obstinadamente destruído. Na literatura de autoria masculina, as personagens, além de procriarem um número significativo de filhos, têm, na grande maioria, os do sexo masculino e, sem dúvida, todos biológicos (DALCASTAGNÉ, 2010). Por outro lado, as autoras apesar de diminuírem a procriação das personagens, não submetendo-as ao estereótipo naturalizado de que mulher foi feita para reproduzir a espécie, incorrem na discriminação de restringir isso apenas às mulheres brancas, no entanto, às outras são ratificados tais estereótipos bem como a proliferação dos números de filhos. Nos romances escritos por mulheres, os pais, em sua maioria, estão sempre ausentes, ou, quando se fazem presentes, são tidos como empecilhos, “estorvos”, para as personagens, especificamente para as “não-brancas”.

Neste sentido, a literatura de Conceição Evaristo caminha na contramão dos já mencionados estereótipos uma vez que atribui às suas mulheres negras o poder da decisão sobre ter ou não filhos, dá a elas o direito de não querer ser mães e, quando os têm, na grande maioria, são criados apenas pela mãe. Em contrapartida, nos romances/narrativas masculinas os pais estão, maciçamente, presentes na vida dos filhos, financeira e emocionalmente. Contudo, evidencia Dalcastagné (2010) que uma grande lacuna perpassa e silencia os romances brasileiros contemporâneos, ou seja, percebe-se uma ausência muito grande de temáticas recorrentes como aborto, estupro, dificuldades relacionadas à fertilidade, violência urbana e doméstica dentre outros. Conforme a teórica, isto se verifica também nos romances de autoria feminina.

Partindo do pressuposto de que, até mesmo na grande maioria da literatura produzida por mulheres, àquelas ditas “não-brancas” é relegado o espaço doméstico sob a condição de meros receptáculos de espermatozoides bem como o submundo do sexo, no qual, majoritariamente, ocupam o papel de prostitutas e/ou similares. Diante dessa constatação, cabe uma reflexão: torna-se urgente que as mulheres

Realização:

Apoio:



negras tornem-se autoras de suas próprias histórias, não se pode permanecer para sempre nesta posição subalterna que a elas é relegada tanto dentro da literatura quanto fora dela, sobretudo, na própria narrativa escrita por mulheres brancas.

Não se pode negar que, no Brasil, já existem excelentes literaturas advindas de escritoras negras, no entanto, abrem-se, ainda, sobre elas uma espessa camada de névoa (entenda-se, nesse caso, racismo e discriminação) que impedem ou fazem tardiamente a inserção destas no cânone literário. Como exemplo destas escritoras negras pode-se mencionar Maria Firmina dos Reis, Cristiane Sobral, Miriam Alves, Carolina Maria de Jesus, bem como a própria Conceição Evaristo entre outras.

Para Dalcastagné (2010), é preciso que a narrativa contemporânea não hesite em romper com os estereótipos, do contrário, poderá incorrer no equívoco de apenas modernizá-los. Neste sentido, ao pensar na escrita de Conceição Evaristo, de forma abrangente e, em especial, em *Becos da Memória* (2013) e *Ponciá Vicêncio* (2003), pode-se evidenciar que a escritora inscreve em seu fazer literário, temáticas ainda exploradas de maneira tímida pela grande maioria dos/as escritores/as contemporâneos/as, como, por exemplo, questões relacionadas ao aborto, estupro e espancamentos contra a mulher.

Em *Becos* (2013), Evaristo apresenta a trajetória de Ditinha, vítima de gravidezes indesejadas e frustradas tentativas de aborto, até que, na última gravidez, já cansada das tentativas vãs, a moça procura uma outra forma, talvez mais certa e mais perigosa também. “Maria Cosme enfiou uma sonda por dentro de Ditinha. A sonda ficou lá dentro quase dez dias, até que numa manhã ela começou a sangrar. Sangrou tanto que foi parar no hospital” (BM, p.144). Em *Ponciá Vicêncio* (2003), a autora aborda a violência física contra a mulher quando descreve os espancamentos sofridos por Ponciá, embora deixe implícito que aquele homem inominável, o marido, é mais uma vítima do sistema excludente social. “Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredí-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos” (PV, p.96). Neste mesmo sentido, segundo Constância

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Duarte (2009)⁶, faz-se necessário tocar nestes assuntos, dentre os quais físicos e psicológicos, que são, na grande maioria das vezes, fatos corriqueiros na vida de muitas mulheres. Nas palavras da autora :

Já há algum tempo, quando leio escritos de autoria feminina, reparo que raramente eles tratam da questão que me parece a mais urgente, a mais premente, que nenhuma mulher pode ignorar. Onde estão as marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas? Onde, as dores do espancamento, do estupro, do aborto? Na vida – nesta que fica aquém da literatura – tais dores são comuns. Não passa uma semana sem que os jornais noticiem a morte de mulheres assassinadas pelo companheiro, vingativo ou enlouquecido de ciúmes. Não passa um dia sem que uma mulher seja espancada, sangrada, violada, apenas por ser mulher. E não me refiro só à violência física que deixa marcas visíveis no corpo. Também as outras, a humilhação, a ofensa, o desprezo, marcam, doem, e são cotidianas (DUARTE, 2009, p.2).

Vale ressaltar que muitas outras formas de violências cometidas contra a mulher, dentre as quais o estupro, são apresentadas com certo acanhamento na literatura brasileira. Ao mencionar a “ausência dessa dor”⁷ na literatura brasileira, Constância Duarte (2009) chama a atenção para os *Cadernos Negros*, publicação coletiva de autores afrodescendentes que, desde 1978, anualmente, disponibiliza ao público contos e poemas afroliterários. Desta forma, pode-se evidenciar que “a partir de uma perspectiva étnica, de classe e feminista, algumas escritoras realizam – com competência e sensibilidade – agudas releituras da violência, expondo sem melindres personagens-chagas do cotidiano feminino” (DUARTE, 2009, p.2).

A autora chama a atenção para a escrita afroliterária da autora de *Becos e Ponciá* e, como exemplo, resalta que Evaristo, entre outros escritos, aborda a questão do estupro no conto *Quantos filhos Natalina teve?*, narrativa publicada recentemente no livro *Olhos D'Água* (2014, p.49-50):

O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebeitar de dor. A

⁶Cf. a esse respeito o texto: **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. Constância Lima Duarte (UFMG), 2009. Veiculado no Portal LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro. Acesso em dezembro de 2015.

⁷ Grifo da autora.
Realização:



Apoio:



noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela (Evaristo,2014, p.49-50).

Conforme Constância Duarte (2009, p.6), esta é uma necessidade que se faz mister existir no bojo da escrita literária feminina e, ao mencionar Conceição Evaristo, a autora ressalta que “a literatura de autoria assumidamente negra – como esta, assinada por Conceição Evaristo – ao mesmo tempo projeto político e social, testemunho e ficção, está se inscrevendo de forma definitiva na literatura nacional”.

Em conformidade com isso, é possível inferir, com base em considerações bakhtinianas, que a relação que Conceição Evaristo estabelece com suas personagens, sobretudo, com suas mulheres e, em especial, com Maria Nova e Ponciá Vicêncio é, antes de tudo, uma forma de transformá-las em porta-vozes de uma escrita-denúncia histórica e social. Em outras palavras, a escrita de Evaristo aponta para problemas que acometem cotidianamente a população negra e, ademais, reflete uma visão da realidade vivida por muitas mulheres pobres e negras. Quando aborda temas, até então, considerados tabus, como é o caso do estupro, aborto e violência urbana, Evaristo inscreve sobre as páginas de seus romances muito mais que um simples fazer literário, antes, inscreve denúncias políticas e sociais das quais é vítima a grande maioria da população brasileira negra e pobre. Ainda, neste sentido, é uma denúncia das muitas formas de violências a que mulheres (neste caso, negras e brancas) são submetidas diariamente.

Conforme o russo Mikhail Bakhtin (1992, p.30), é possível que “um autor converta seu herói no porta-voz de suas próprias ideias, segundo o valor teórico ou ético delas (político, social) com o intuito de torná-las verídicas, com o objetivo de difundí-las”. Em suma, acontece aquilo que o autor denomina de “remanejamento de ideias” (Idem), ou seja, por meio da voz da personagem, o autor se expressa pelo viés da verossimilhança. Entretanto, importa lembrar, conforme Brait (1987, p.31) que “não cabe à narrativa poética reproduzir o que existe, mas compor as suas possibilidades” e, neste sentido, ao fazer uso da voz de suas mulheres-personagens como forma de expressar as muitas mazelas sociais das quais são vítimas, Conceição Evaristo torna sua escrita verossímil. A própria autora ressalta estas possibilidades em *Becos da Memória* (2013), por meio da voz de Maria Nova:

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Escrevo como uma homenagem póstuma a Vó Rita, que dormia emolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos das minhas memórias. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. [...] homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (BM, 2013, p.30).

Conceição Evaristo assevera autonomia à sua protagonista e utiliza-se da voz da personagem para expressar muito do que foi a própria vivência. Não é muito ressaltar que esta interrelação autor/herói acontece pelo viés da consciência, ou seja, a mente criadora do autor atribui, de certa forma, um acabamento ao herói, uma consciência que é secundária porque só existe a partir de uma primeira, que é a do autor-criador. Para o filósofo Mikhail Bakhtin (1992, p.32), “o autor é o depositário da tensão exercida pela unidade de um todo acabado, o todo do herói e o todo da obra” [...] “o autor não só vê e sabe tudo quanto vê e sabe o herói em particular e todos os heróis em conjunto, mas também vê e sabe mais do que eles”. Dessa forma, esse excedente da visão do autor sobre o herói é o que determina o acabamento relacionado à existência das personagens, isto é, tem-se uma consciência acabada dirigida através de uma outra em devir (a do autor), isso é o que diferencia ambos nesta relação de proximidade em que se encontram.

Neste movimento de alteridade e dialogismo, Evaristo segue situando representações de mulheres e conclamando-nas para que saiam do lugar estereotipado no qual foram inseridas, para que, além de tudo, saiam da condição de alienação, busquem construir suas próprias identidades, quebrem paradigmas, enfim, encontrem-se enquanto mulheres, entretanto, nunca na posição de subalternidade ou submissão. A partir deste diálogo com as muitas vozes que ressaltam e ecoam dos seus escritos, Conceição reitera a necessidade e a importância da Educação (seja escolar ou não, haja vista, o conhecimento de mundo e a experiência, muitas vezes, constituírem-se como importantes fontes de saberes) como um eixo libertador da subalternidade feminina. Por meio de sua *escrevivência*, vai delineando possibilidades para suas vozes-mulheres que vão muito além dos estritos espaços sociais a elas destinados hegemonicamente.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Se, por um lado, não se pode negar que nosso discurso é antecedido e precedido pelo de outrem, por outro, é pertinente ressaltar que, às vezes, resquícios de determinadas vozes tendem a produzir distintas representações sociais. Trazendo esta reflexão para a realidade dos negros no Brasil, pode-se inferir que, relacionada a uma grande parcela da sociedade brasileira, ainda ressoam enunciados cristalizados, impregnados de diversificados tons valorativos em relação aos povo afrodescendentes, sobretudo, em relação às mulheres. Neste sentido, ao dar voz às suas mulheres e torná-las donas das próprias histórias, Evaristo desconstrói muito mais que estereótipos e paradigmas, ou seja, caminha de encontro à História Oficial, a qual sempre determinou os lugares a serem ocupados pelos/as negros/as. Conforme Pereira (2015):

Ao afirmar o mito da democracia racial como bandeira das relações harmônicas entre brancos e negros, só fez acelerar os quadros das desigualdades tão evidentes em nosso país. Essas evidências, no entanto, ficam à espreita como que envoltas por uma sutileza tão maléfica que o simples fato de admiti-las é tão danoso para nossa racionalidade que, ao invés de quebrarmos certos paradigmas, apenas o repetimos mecanicamente. O mecanicamente incorreto faz com que se tenha pelo outro uma versão depreciativa que ao desconsiderar sua singularidade acaba lhe dando rótulos ao invés de voz (PEREIRA, 2015, p.16).

Nesta direção, a escrita de Evaristo soa como uma contra-palavra ao discurso autoritário proferido pela História Oficial. São, em suma, palavras alheias carregadas de sentidos depreciativos que, novamente incorporados ao discurso de outrem, cumprem a mesma função de preterir e reforçar a invisibilidade eo silenciamento outorgados à população negra. Conforme Bakhtin (1992), há sempre enunciados alheios que ditam o tom e servem de inspiração, no entanto, nem sempre passíveis de aceitação. Logo, é preciso romper com a ideia de que há uma raça superior, a branca, isso é uma tendência monológica, uma ideia autoritária que, por vezes, é reiterada no preterimento à raça negra. Conforme Bakhtin (1992), um enunciado é sempre uma resposta a outros, por mais monologizante que seja, é permeado por enunciados de outrem.

Em outras palavras, esses enunciados sustentados pelo antagonismo vigente entre brancos e negros, encontram respaldos e ganham forças no bojo das práticas racistas, ora explícitas ora veladas direcionadas ao povo negro. Importa ratificar que

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



a literatura afro-brasileira atua como contra-discurso ao proporcionar “reflexões sobre as vozes de nossos atores: os negros e negras que, durante séculos, foram silenciados e representados como seres desprovidos de memória” (PEREIRA, 2015, p.20). Assim, o grande diferencial da escrita afroliterária é justamente a transição efetuada pelos negros e negras brasileiros/as, os quais saem da condição de seres pensados (objetos) para seres pensantes (sujeitos), donos de suas próprias histórias

Por fim, Evaristo assume uma contra-palavra a inúmeros discursos alheios responsáveis por relegar à exclusão e segregamento determinados corpos cuja pigmentação não corresponde à raça branca. Conforme insiste o pensador russo, ninguém é um Adão mítico, logo o discurso evaristiano acolhe muitas vozes que, de fato, nunca puderam se expressar, sucumbidas a um silenciamento imposto e forjado sobre choros e ranger de dentes. Schimidt (2013, p.17) ainda salienta que a escrita representativa de Conceição Evaristo não deixa dúvidas sobre como e a quem é destinado seu discurso literário.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face**: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. – João Pessoa, 2007.

ARRUDA, Aline Alves. **Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo**: um Bildungsroman feminino e negro. Belo Horizonte, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 209

_____. **Estética da Criação Verbal**. – 1ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1992.

_____. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. 3 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

DALCASTAGNE, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. **O eixo e a roda**, v. 15, 2007.

_____. LEAL, Virginia Maria Vasconcelos. (org) **Deslocamentos de Gêneros na narrativa brasileira contemporânea**. Editora Horizonte – São Paulo, 2010.

Realização:

Apoio:



DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados** 17 (49), 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**. Rio de Janeiro, n.23 – p.113 -118, jul/dez. 2010.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma voz quilombola na literatura brasileira. Universidade Federal Fluminense – UFF, (s/d).

_____. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009a.

_____. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2003.

FREITAS, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. IN: FERREIRA, Lúcia. NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (org.) **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. – Salvador: NEIM/UFBA, 268p. (Coleção Baianas: 7), 2002.

MACHADO, Barbara Araujo. “**Recordar é preciso**”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008). Rio de Janeiro, Niterói, 2014.

PEREIRA, Olga Maria Lima. **Reinterpretando silêncios**: reflexões sobre a docência negra na cidade de Pelotas (RS). 1. Ed, - Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

SCHIMIDT, Simone Pereira. Prefácio *in* **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

GENDER AND EDUCATION IN WRITING-LIVING BY CONCEIÇÃO EVARISTO: A LOOK AT PONCIÁ VIVÊNCIO AND BECOS DA MEMÓRIA

ABSTRACT

This proposal is based on a research whose objective was to reflect on two works by the poetess and novelist Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2003) and *Becos da Memória* (2013), based on gender studies, especially with regard to the post look - feminist about contemporary feminine writing, especially Afro-Brazilian literature. The recurrence of the Bakhtinian concepts of alterity, dialogism and polyphony is justified as methodology adopted, by the possibility of visualizing the many voices imbricated in the evaristiana writing. The research focused on the feminine, especially with a cut for the education of women. The author's literary language, in addition to being a reflection of her own experience, as well as of many other silenced voices, of many other women, especially of black women, is a constant movement to establish herself

Realização:

Apoio:





In the world as subject. In this sense, it was sought to understand the process of education and feminine signification, visualizing, literarily, the understanding of what could be the representation of the experiences of many women, especially black women, so well portrayed from the work of Conceição Evaristo.

Keywords: Conceição Evaristo; Afro-Brazilian literature; Education; Gender; Identity.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

